



3.º Domingo da Páscoa Domingo, 13 de Abril

LEITURA DOS ACTOS DOS APÓSTOLOS (2, 14, 22-28)

No dia de Pentecostes, Pedro, de pé, com os onze Apóstolos, ergueu a voz e falou ao povo: «Homens de Israel, escutai estas palavras: Jesus de Nazaré foi um homem affiançado por Deus junto de vós, com milagres, prodígios e sinais, que o mesmo Deus realizou no meio de vós, por Seu intermédio, como vós próprios sabeis. Depois de entregue, segundo o firme designio e previsão de Deus, vós destes-Lhe a morte, cravando-o na cruz pela mão de malvados. Deus ressuscitou-O, livrando-O das angústias da morada dos mortos, pois não era possível que Ele ficasse sob o seu domínio. David, com efeito, diz acerca d'Ele: «Eu via sempre o Senhor diante de mim, porque estava à Minha direita, a fim de Eu não ser abalado. Por isso o Meu coração se alegrou e a Minha língua exulta, e até o Meu corpo repousará nas esperanças. — Não Me abandonarás à morada dos mortos, nem deixarás que o Teu Santo conheça a decomposição. Ensinaste-Me os caminhos da vida, e hás-de encher-Me de alegria com a Tua presença.»

Palavra do Senhor.

SALMO RESPONSORIAL

REFRÃO: Mostraí-nos Senhor, o caminho da vida.

Guarda-me, ó Deus, Vós sois o meu refúgio.
Digo ao Senhor: Sois todo o meu bem.
Sois Vós, Senhor, a parte da minha herança,
está nas Vossas mãos o meu destino. (REFRÃO)

Quero louvar-Vos, Senhor, meu conselho e meu guia;
até de noite me adverte o coração.
O Senhor está sempre na minha presença;
com Ele a meu lado não vacilarei. (REFRÃO)

Por isso o meu coração se alegra e a minha alma exulta,
repousa tranqüilo todo o meu corpo.
Ele não me entregará às mãos da morte,
nem deixará o seu servo conhecer a corrupção. (REFRÃO)

Ele me apontará o caminho da vida;
a Sua mão viverá na plenitude da alegria. (REFRÃO)

LEITURA DA I CARTA DE S. PEDRO (1, 17-21)

Caríssimos: Vós invocais como Pai Aquelle que, sem atender à qualidade das pessoas, julga cada qual segundo as suas obras. Bem o sabeis: não foi com aquilo que se corrompe — prata ou ouro — que fostes libertados dessa vã maneira de viver transmitida pelos vossos pais; foi com o Sangue precioso de Cristo, Cordeiro sem defeitos e sem mancha. Ele foi previamente conhecido, antes da criação do mundo, e manifestou-Se por vossa causa, nestes tempos, que são os últimos. Por Ele acreditais em Deus, que O ressuscitou dos mortos e Lhe deu a glória. E assim, a vossa fé é a vossa esperança devem estar postas em Deus.

Palavra do Senhor.

PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO

REFRÃO: Aleluia! Aleluia!

Senhor Jesus, abri-nos as Escrituras;
falai-nos e aquecei os nossos corações. Aleluia!

EVANGELHO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO SEGUNDO S. LUCAS (24, 13-35)

Naquele tempo, dois dos discípulos de Jesus iam a caminho de uma povoação, chamada Emaús, que ficava a dez quilómetros de Jerusalém. Conversavam entre si sobre tudo o que tinha então acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus aproximou-Se e pôs-Se a caminho com eles. Mas os olhos deles estavam impedidos de O reconhecerem. Perguntou-lhes então: «Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?» Pararam sombrios. E um deles, chamado Cléofas, respondeu-Lhe: «Tu és o único habitante de Jerusalém a não saber o que lá se passou nestes dias?» Replicou-lhes Jesus: «Que foi?» Eles retorquiram-Lhe: «O que se refere a Jesus de Nazaré, que foi um profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo: Os seus sacerdotes e os nossos chefes entregaram-no, para ser condenado à morte, e fizeram-no crucificar. Nós esperávamos que fosse Ele quem viria a libertar Israel. Mas, com tudo isto, já lá vai o terceiro dia, depois que se deram estes factos. Certo é que algumas mulheres do nosso grupo nos sobresaltaram: foram de madrugada ao túmulo, não encontraram o corpo de Jesus e vieram dizer que também tinham tido a visão duns Anjos, os quais afirmavam que Ele vivia. Alguns dos nossos companheiros foram ao túmulo e acharam tudo conforme as mulheres tinham dito. A Ele, porém, não O viram.» Então Jesus disse-lhes: «Oh! gente sem compreensão e de espirito lento para acreditar em tudo o que os Profetas disseram. Não tinha o Messias de sofrer estas coisas para entrar na Sua glória?» E, começando a falar de Moisés e de todos os Profetas, explicou-lhes em todas as Escrituras o que a Ele se referia. Ao chegarem perto da povoação para onde se dirigiam, Jesus fez menção de seguir para a frente. Fizeram, porém, pressão sobre Ele e disseram-Lhe: «Fica conosco, porque está a entardecer, e o dia já vai a terminar.» Entrou então, para ficar com eles. Assim que tomou lugar com eles à mesa, pegou no pão, pronunciou a bênção e, depois de o ter partido, entregou-lho. Foi então que se lhes abriram os olhos e O reconheceram. Mas Jesus desapareceu da presença deles. Disseram então um para o outro: «Não nos ardia cá dentro o coração, quando Ele nos falava no caminho e nos desvendava as Escrituras?» E partiram no mesmo instante, para regressarem a Jerusalém. Encontraram reunidos os Onze com os companheiros, que diziam: «Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão.» Começaram então a contar o que se tinha passado no caminho e como Jesus Se lhes dera a conhecer ao partir do pão.

Palavra da salvação.

Encontro Nacional dos Secretários Diocesanos de Catequese

No Seminário Maior de Portalegre, durante três dias, efectuou-se o Encontro Nacional dos Secretários Diocesanos de Catequese, presidido pelo senhor Arcebispo de Miléne, D. Júlio Tavares Rebimbas, Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Família, tendo também participado nalgumas sessões de trabalho o senhor Bispo de Portalegre, D. Agostinho de Moura.

Estiveram presentes todas as dioceses do Continente e Ilhas, com as equipas dos seus secretariados, compostas por sacerdotes, religiosos e leigos.

O tema deste Encontro, subordinado à relação Igreja-Escola, foi o seguinte: «Numa Escola cada vez mais neutral e numa sociedade cada vez mais pluralista, como se põe o problema da presença da Igreja na Escola?»

Os trabalhos foram orientados pelo secretário nacional da Catequese, dr. António Domingos Pereira. Participou também nos trabalhos o padre Vítor Feytor Pinto, secretário nacional da Pastoral da Juventude e Ensino Religioso Médio.

Oferatório para a U. C. P.

Em todas as dioceses de Portugal, o ofertório das Missas do próximo domingo, 13 do corrente, é para a manutenção da Universidade Católica Portuguesa.

O embrião humano será pessoa?

O aborto é dos temas que ultimamente tem sido discutido em diversos países e levou já a sua aceitação ou recusa por parte de alguns deles.

Tudo o problema neste campo, se agita à roda de saber quando o novo ser começa a ser homem ou se existe algum tempo, depois da fecundação, em que o não seja.

A este propósito, publica a revista italiana «Civiltà Cattolica» um artigo, no qual se procura responder à

pergunta, se haverá algum tempo da gestação em que o embrião não seja homem.

Recorrendo aos dados da ciência genética, ultimamente bastante desenvolvidos, um facto é claro: a individualidade do novo ser. Ele não é a continuação da mãe. Outrora pensava-se até que a circulação sanguínea no embrião era a mesma da mãe. Agora não sofre dúvida que é o embrião a elaborar a sua própria circulação sanguínea. Da mãe, é certo, recebe os alimentos, mas digere-os, assimila-os ao seu ritmo próprio, em que os órgãos se comportam um modo perfeitamente autónomo. O coração bate, não ao ritmo do da mãe, mas do embrião. A individualidade é tal, que alguém comparou a vida intra-uterina ao comanota que avança nos espaços, auto-dirigindo-se, embora utilizando os meios de protecção e sobrevivência, como a nave espacial, adaptada à vida humana em pressão, oxigénio e alimentos, ou a máscara de oxigénio ligada ao rosto do astronauta, qual cordão umbilical, a possibilitar-lhe a movimentação sobre a lua.

Um outro facto a assinalar é a continuidade da vida pré-natal. Não há saltos qualitativos no processo evolutivo por que o embrião passa. Tudo sucede na continuidade da mesma vida, que teve início no momento da fecundação. Dizer, portanto, que o embrião não é homem até a terceira ou quarta semana e começa a sê-lo depois é puramente arbitrário, sem qualquer fundamento real.

O problema pode ser esclarecido também pela fenomenologia, a qual recentemente demonstrou não ser

(CONTINUA NA 10.ª PÁGINA)

Graças do Servo de Deus D. Manuel Mendes Santos

Anónima, Évora, por uma graça recebida entregou esc. 100\$00, em 30-III-975, para a beatificação do Servo de Deus.

Anónima, Évora, agradeceu uma graça recebida, deu 100\$00, em 1-IV-975.

Anónima, Lisboa, idem, em 1-IV-975.

Anónima, Évora, entregou 100\$00 para a beatificação do Servo de Deus, em 1-IV-975.

Sinais dos nossos tempos

O MAL DA SOCIEDADE PORTUGUESA

Na sua notável homilia da Missa do último Domingo de Páscoa, o senhor D. António Ferreira Gomes, venerando Bispo do Porto, entre outras considerações oportunas a respeito dos males de que enferma a actual sociedade portuguesa, acentuou as seguintes tentações:

«Vivemos na sociedade portuguesa, neste momento, graves tentações. E a tentação maior é o orgulho, precisamente daqueles que se consideravam humilhados. Isto é: Quem até agora se considerasse humilhado — ou porque o fosse realmente — hoje passa precisamente, se porventura aceita a tentação do orgulho — passa a ser o opressor. Passa a fazer uma acção de humilhação, por vingança, por retaliação. E nisso é que está, realmente, não só o mal das almas cristãs, mas será depois, finalmente, o mal da sociedade.»

«FUZILAMENTO JÁ!»

O ilustre Prelado portuense, referindo-se ao 11 de Março, disse:

«Falou-se de matança, não é verdade? «Matança da Páscoa», que era uma lenda absolutamente sem nenhuma base; que, enfim, era, o páni-co que se apoderou de alguns. Mas depois, logo depois, fala-se no restabelecimento da pena de morte, fala-se em fuzilamentos.»

De feito, houve vozes da esquerda, que reclamaram fuzilamento dos responsáveis do 11 de Março, decerto inspirados no que aconteceu, em datas não distantes, nos países da Cortina de Ferro, na China Popular, em Cuba, no Chile e na vizinha Espanha.

Ora Portugal ufana-se de ter sido o primeiro país no Mundo a abolir a pena de morte para os crimes políticos em 1852 e, para os civis, em 1867. Por isso e, muito bem, o Conselho Superior da Revolução decidiu não restabelecer a pena de morte, o que mancharia de sangue a Revolução das Flores, felizmente feita sem sangue derramado.

SARTRE DECEPCIONADO

O patriarca do existencialismo ateu, Jean-Paul Sartre, esteve em Portugal, na semana passada, tendo falado na Faculdade de Letras, no Porto, e dado uma conferência de imprensa, em Lisboa.

O conhecido filósofo francês ficou decepcionado com os estudantes portugueses, porque «estão imbuídos de

sectarismo, não fazendo mais do que falar em nome do povo e competir entre si».

Na conferência de imprensa, Sartre afirmou que «as eleições são uma rasteira para idiotas»; não achou boa a imprensa portuguesa, por não saber interpretar os acontecimentos; considerou o PCP um partido antiquado, que ocupa posições-chave no Exército e irá ocupar lugares na futura Assembleia Constituinte; finalmente, encontrou afinidades entre a revolução cultural portuguesa e a chinesa.

Mais optimista, Simone de Beauvoir, companheira do filósofo existencialista, declarou ser «maravilhoso o que aconteceu em Portugal e, depois da descolonização dos territórios africanos, espero que Portugal realize a descolonização da mulher».

TENDENCIAS MARXISTAS DO «TÉMOIGNAGE CHRÉTIEN»

Também na pretérita semana, alguns jornalistas e leitores da revista francesa «Témoignage Chrétien» fizeram uma visita de estudo a Portugal, e, depois de terem estado em algumas cidades e empresas, foram recebidos pelo primeiro ministro Vasco Gonçalves e pelos ministros Alvaro Cunhal e Mário Soares, tendo participado numa conferência de imprensa, o director-geral da Informação, comandante Montés.

Pelos contactos havidos com os Secretários-Gerais do PCP e PSP, e não de qualquer outro partido, veem-se claramente as tendências destes católicos esquerdistas franceses, cuja revista anunciou o 11 de Março com 5 dias de antecedência...

INCOMPREENSÃO DA IGREJA?

O ministro da Comunicação Social, comandante Correia Jesuino, em conferência com a imprensa estrangeira, na semana passada, depois de afirmar que Portugal não deseja ligações estreitas com nenhum país do Leste ou do Oeste e que não está interessado em abandonar a Aliança Atlântica (não será esta uma ligação estreita?...), aludindo decerto às recentes preocupações manifestadas pela Santa Sé a respeito da política do Governo português, considerada demasiado à esquerda, afirmou que havia uma certa incompreensão da Igreja pelo que se passava em Portugal. Sublinhou que não se pensa excluir a Igreja da sociedade, pois há lugar para todos.

Note-se, no entanto, que a diplomacia do Vaticano tem fama de estar sempre bem informada e é muito cautelosa nas suas declarações.

A SIMPLICIDADE DE COSTA GOMES

Os jornais lisboetas assinalaram a simplicidade com que o presidente Costa Gomes, na última Quinta-feira Santa, acompanhado de sua esposa, D. Maria Estela, percorreu a Baixa, a pé, entrou na pastelaria Chimesa para tomar uma «bica», e foi a um oculista, sem deixar de admirar as montras da Rua do Ouro.

Já não é a primeira vez que sublinhamos esta simplicidade do nosso Presidente da República, pois já noticiámos que nos teatros se senta na plateia, em vez de ir para um camarote.

A FNAT passa a INATEL

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho passa a denominar-se Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores (I. N. A. T. E. L.), segundo disposição legal do Ministério do Trabalho.

Serviços florestais

de Alcácer do Sal

Foi nomeado interinamente administrador dos Serviços Florestais de Alcácer do Sal o regente agrícola sr. Luis Pinheiro da Circunscrição de Ferreira do Alentejo.

OS 12 MIL CONTOS
DAS 2 SORTES GRANDES
FORAM DISTRIBUIDOS
NO DIA 3 DO CORRENTE
AOS BALCÕES DA
CASA DA SORTE
2 PRIMEIROS PRÉMIOS
2 3 9 3 0
12 000 CONTOS

Notícias de Montemor-o-Novo

Crónicas simples do povo antigo de Montemor-o-Novo

Os habitantes que não ultrapassaram a cerca defendem-se dos outros...

(2)

DEDICADA AOS QUE AINDA LA MOREM...

O tempo e a mão do homem destruíram as casas nobres como as habitações do povo dessa notável vila que, durante séculos, viveu dentro da velha cerca do Castelo. De forma que o povoado desapareceu de todo, não restando hoje outros moradores que não sejam guardas com suas famílias ou alguns arrendatários de terras, como a da igreja matriz, em que se semeiam cereais e se apanha azeitona...

Como se sabe, as cercas eram necessárias, quando os inimigos estrangeiros invadiam o território, e vêm já do tempo dos árabes e romanos. Mesmo assim, havia a tentação de fugir desses espaços apertados e de acesso mais ou menos difícil, tornando-se necessário que os Reis cumulassem de privilégios os habitantes que continuavam fiéis à tradição dos antepassados. Por exemplo, ficavam isentos de obrigações, como a de irem com presos ou dinheiros de uma vila à outra; guardarem presos em igrejas; serem tutores ou curadores, etc.

Conhecem-se privilégios destes, dados a Montemor, desde 25 de Outubro de 1508, confirmados em 20.6.1528 e 31.7.1642 (Estados Histó-

ricos do Município, 1.º vol., p. 37). E... também de 24.5.1567 — já passaram mais de quatro séculos! Destes nos vamos servir (Alvará, na Chanc. de D. Sebastião e D. Henrique, Privilégios, L. 5, f. 56-v.).

Um dia, «os moradores de dentro da cerca da vila de Montemor o novo» manifestaram a ElRei o seu profundo desgosto por a cerca «se ir despovoadando» e «arrabalde ir em grande crescimento».

Já D. Manuel tomara providência, como então se lembrava e anotamos atrás (1508), para evitar que a vila primitiva «se não acabasse de despovoar», o que significa que o processo de despovoamento começara antes, não digo do reinado do Venturoso, (1045-1521), mas do momento em que tomou tal resolução. O arrabalde, porém, é ainda mais antigo. Para isso considera D. Manuel «hum privilégio às pessoas que dentro da dicta cerca vivem de muitas lyberdades». Conhecemos uma delas, lembrada neste documento de que forrageamos a Crónica: tanto os Juizes de fora como da terra, o Meirinho e o Alcaide, todos os oficiais da Justiça e os «da governança da vila» e da Fazenda Real (em suma, o funcionalismo qualificado em peso), ficavam com mais esta obrigação de viverem sempre dentro da cerca. Por porta estreita fugia apenas uma excepção: de fora da cerca poderia eleger-se, por um ano, um vereador somente.

Este o preceito que não se cumpria, «de muitos anos a esta parte». Com efeito, esquecera-se de todo o alvará manuelino, visto que, neste momento, isto é, uns 60 anos depois, «a mayor parte dos officiaes da Camara e Governança» pertencia, invariavelmente, ao arrabalde, não havendo «quem lhes a isso fosse à mão». Seguiu-se daí, ponderava o rei, fazendo sua a queixa dos montemorenses tradicionais, «acabar-se de despovoar de toda a dicta cerca».

É evidente que o aparato da fortificação antiga se tornara desnecessário, em boa parte, porque o Sarraceno não voltaria a incomodar. Poucos anos mais tarde, porém, surgiria um outro, perante a fortaleza — os castelhanos. Não sonhavam com isso os postuladores da cerca, que fundavam o pedido no facto de a maior parte das casas já terem caído por abandono e algumas servirem, afinal, de terra cultivada, de «varzio».

Como cumpria, ElRei procurou informar-se da situação, porque ponderos deviam ser as razões que forçaram o último colete de forças da lei protectora. O certo, no entanto, é que, contra o que se poderia esperar, encontrou motivos para atender a reclamação. E estabeleceu que voltasse a vigorar a lei antiga, excepto quando algum official ou outra pessoa ostentasse provisão régia «com derrogação de clausollas do dito privilegio». Isto, por serviço real se bem da dicta villa. Também este alvará foi mandado trasladar no livro da Câmara, «pera em todo tempo se saber que ho tenho asy mandado e tenha força e vigor como se fosse carta feyta em meu nome, per myn asynada e asellada do meu sello».

Por hoje, basta este saboroso episódio, de dois momentos de luta porfiada, sem procurar saber por quanto tempo festejaram vitória os apegados às velhas pedras do castelo, a que eu me juntaria, se ainda pudesse... A não ser que sempre diga que em 1740, apesar de ainda se conservarem as quatro paróquias, o Convento dos Dominicanos, a Casa da Câmara e o Palácio dos Alcaldes-mores, o relógio da cerca e... água nas cisternas, que numa delas «jamais secca». Breve mas completo inventário: estudo o mais são ruínas, segundo o testemunho naquelle ano, do P. Vitorino José da Costa.

ANTÓNIO ALBERTO BANHA DE ANDRADE

DESPORTO

FUTEBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

Barreirense, 4 - União, 1

Com a visita do União ao Barreirense completou-se a 29.ª jornada desta prova.

Como se esperava, o Barreirense, equipa com fortes pretensões à 1.ª Divisão, não se deixou surpreender e venceu por margem folgada o G. U. S.

UNIÃO - PENICHE

Para mais uma jornada, a 30.ª, o União recebe a visita do Peniche, no próximo domingo.

Um desafio em que os Montemorenses precisam de alcançar a vitória, já que a sua situação é insegura. Lembramos que em Peniche o resultado foi 2-2.

ASSEMBLEIA GERAL

Após duas sessões que terminaram alta madrugada e decorreram com grande entusiasmo, não se conseguiu ainda arranjar novo elenco directivo para o União.

A situação do Clube é bastante confusa e brevemente será marcada nova Assembleia.

Entretanto, o treinador Miguel V-nueza continua suspenso, sendo a equipa de futebol dirigida pelo conhecido Manuel Paixão.

FESTIVAL TAURINO

A favor do União Sport, realiza-se no próximo dia 18, pelas 17 horas, na Praça de Toiros, nesta vila, um Festival Taurino, com a presença de alguns dos melhores cavaleiros portugueses do momento.

Serão lidados 6 novilhos e pegarão dois grupos de forcados, um de Évora e outro de Montemor-o-Novo.

Agradecimento

Os filhos da falecida Eva de Oliveira agradecem muito reconhecidos ao ex.º sr. dr. Romeu Coelho da Silva e ao pessoal de serviço no Hospital de Santo André, nesta vila, a maneira como sempre trataram sua mãe, bem assim a quantos acompanharam o funeral.

Participação de Missa

Os filhos de Joaquim Veiga participam que mandam celebrar Missa, na igreja do Calvário, no próximo dia 13 às 18 horas, suffragando a sua alma.

Contribuições e Impostos

Na Tesouraria da Fazenda Pública do concelho de Montemor-o-Novo está à cobrança no mês de Abril a Contribuição Industrial Grupo C e Imposto de Capitais Secção A do ano de 1974. A Contribuição Industrial deverá ser paga em 2 ou 3 prestações com vencimento em Abril e Julho ou em Abril, Julho e Outubro, quando superior a 200\$00 e 300\$00 respectivamente. As colectas até 200\$00 deverão ser pagas de uma só vez no mês de Abril. Findo o mês do vencimento começarão a correr juros de Mora e, 60 dias depois, haverá lugar a procedimento executivo.

O Imposto de Capitais será pago em Abril, findo o qual começarão a correr juros de mora e passados 60 dias haverá lugar a procedimento executivo.

Há festa na nossa casa

ANIVERSARIOS:

DIA 10 — Maria da Conceição Paixão Alfaiça, Rosária Maria Fernandes Brotas, Maria Ermelinda Rocha Soveras (Fogueteiro), Judite Maria Paula Bento (Cova da Piedade), Ernestina Carneiro Coelho (Silveiras), Jorge Alberto do Cabido Eugénio, José Joaquim Campino Cágado.

DIA 11 — Rui António Bento (Ciborro), José Ventura Martins Aguias, Joaquim António Alves Carvalho e Lídia Maria Carlos Pinto (Vendas Novas).

DIA 12 — Genoveva Custódia Dionísio (Silveiras), Fernando Manuel Dias Ferreira (Burraca), Luís Filipe Louro de Carvalho (Picote), Fortunata Maria Prates, Bernardina de Jesus (Lisboa), Joaquim José Couveiro (França) e António Maria Lopes Vitor.

DIA 13 — Deolinda Rosa Aldinhas (Serra de Baixo), Ana Mónica Vale de Gato, Narciso de Jesus Teles, Manuel Maria (Angola), Gertrudes Maria Salgueiro (Amadora), Florência Manuel Calva (Foros de Vale de Figueira), Maria Rosalina Gomes Parola, Joana do Carmo, Avelino Honório de Carvalho (Tomar), António Silva, Joaquim Mário Enfim Cardoso

A nacionalização de Bancos e Companhias de Seguros

Há muito que o problema da nacionalização das principais fontes do poder económico andava no ar. Muitas pessoas não sabiam o que tal envolvia; outras não acreditavam nessa atitude profundamente política e racial; outros, em menor número, tinham consciência do seu significado e temiam-na; outros ainda sabiam o que queriam e lutavam por isso.

Porquê atitudes tão díspares e contraditórias até?

Estava em jogo, por um lado, o interesse egoísta de indivíduos e grupos em manter as forças económicas, que lhes permitissem impor condições às opções políticas governamentais e de partidos e, inclusivamente, influenciar todo o esquema de desenvolvimento da sociedade portuguesa; por outro, a luta para transformar esta estrutura económica de um pre-capitalismo desenfreado e explorador numa economia em que o governo tenha realmente a liberdade de elaborar e realizar planos de desenvolvimento eficazes, através de um controlo e domínio do capital; para a maior parte, a atitude situava-se na ignorância sobre os acontecimentos da vida da comunidade e na consequente demissão e marginalização face aos mesmos; finalmente, para muitos outros, a nacionalização dos Bancos e Companhias de Seguros representava um risco, uma aventura perigosa; e, habituados à segurança cómoda, viviam no receio e na insegurança.

Seria interessante que cada um daqueles que depositavam o seu muito ou pouco dinheiro nos Bancos perguntasse se alguma vez se interrogou sobre a forma como era empregado o fruto do seu suor? Não teria, por vezes, servido para acelerar, aprofundar ou continuar a sua própria exploração ou a dos outros seus companheiros no trabalho em benefício de uns poucos? Alguma vez pediu informações aos Bancos sobre o uso do seu dinheiro?

Convém, entretanto, ter em conta o problema das indemnizações dos proprietários destes meios, que foram nacionalizados. Até onde vão as exigências da justiça no domínio das indemnizações nestes casos? Qual foi o nível de justiça distributiva e social respeitada e promovida na actividade dos Bancos e Companhias de Seguros? Em que medida deve constituir património da comunidade aquilo que, em grande parte, foi construído a partir de uma flagrantemente injusta retribuição do trabalho, em comparação com o capital 30-40% respectivamente?

Uma leitura crítica do acontecimento deve situar-nos na perspectiva de

e António Joaquim Risco (França). DIA 14 — António Manuel Bravo Ovelheira (S. Cristóvão), Manuel Francisco Magrinho, Maria Herminia Curto Candeias (França) e Maria Helena das Neves Pereira (Paio Pires).

DIA 15 — Vitória Maria da Silva Marmeleira (Foros de Vale de Figueira), Arminda Samina Vidigal Gomes, Francisco Manuel Alves Catarino (Porto), Rui Jorge Saraiva Lopes de Andrade (Amadora) e António Francisco Coelho Baía (Amadora).

DIA 16 — Maria Antónia Lopes Zorro, Capitulina Maria Estróia Serpa (Cascais), José da Piedade Maio (Paivas) e Laurinda Maria (Ciborro).

CASAMENTO:

No dia 6 de Abril corrente, na igreja do Calvário, nesta vila, casou a menina Maria de Fátima Alves, filha dos srs. Diamantino dos Anjos Alves e D. Maria de Lurdes Almeida, com o sr. Joaquim Manuel Catterro, filho de D. Custódia Matilde Fortunata Catarro.

Foram padrinhos os srs. Joaquim José Pina, D. Joaquina Rosa da Horta e D. Maria de Lurdes Almeida.

colocar o capital, finalmente, em termos de servir verdadeiramente os interesses da comunidade. Para isso, todavia, não se esqueça que devem ser os seus membros, o povo, e não apenas um grupo a definir as prioridades desses investimentos. Não se permita a distribuição e utilização desse capital, que é de todos e para todos, em benefício de grupos ou de projectos de grandeza discutíveis sem incidência directa no bem estar das populações. Para isso, o povo deve ser informado sobre a utilização dos dinheiros e julgar, denunciar e impedir a sua má ou injusta utilização. É absolutamente necessário este poder crítico da comunidade; de outra forma, em breve, estaremos em situações semelhantes ou paralelas ao passado.

Esta medida, vindo de encontro a reais possibilidades de crescimento, mais em solidariedade e comunhão, pode integrar-se nos desígnios de comunhão da História e do apelo e compromisso de Cristo para a comunhão e fraternidade humana. Por outro lado, destruindo as forças privadas do capital pode abrir claramente as portas a uma sociedade mais justa, mais livre, sem exploradores e explorados, sem opressores e oprimidos, a não ser que a opressão e exploração económica sejam substituídas pela ideológica.

Finalmente, a nacionalização das grandes forças do capital defensoras da ordem estabelecida, embora a último prazo, nos ofereça um clima de segurança, começa por nos colocar na iminência da aventura, sacudindo passividade, comodismo e alienação. Ajuda-nos assim, a viver como cristãos a aventura da fé na realidade do dia a dia, na procura do mais autenticamente humano e evangélico.

R. R.

DR. BAPTISTA CALDEIRA

MÉDICO - ANALISTA

Ex-Médico-Analista dos Hospitais Cívicos de Lisboa

CONSULTAS:

Terças-feiras, às 9 horas
Rua de Avis, 83

MONTEMOR-O-NOVO

Elvira Rosa de Brito

AGRADECIMENTO

Sua família, muito reconhecida, agradece a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde, bem assim a quem acompanhou o funeral.

Agradecimento

A mulher, filhos e filhas de José Joaquim Mendes dos Santos agradecem a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde, na doença, bem como a quantos se incorporaram no funeral ou lhes apresentaram pêsames.

Gratifica-se com 1000\$00

Quem arranjar pequena casa para habitação de renda não superior a 300\$00, em Montemor-o-Novo.

Resposta a este Jornal.

Canalizador

Encarrega-se de todos os trabalhos de CANALIZAÇÕES.

Dirigir-se a Bernardino Baião, Rua de D. Vasco, 13 — MONTEMOR-O-NOVO.

Farmácias de Serviço

5.ª-feira — Central
6.ª-feira — Misericórdia
Sábado — Mendes
Domingo — Mendes
2.ª-feira — Misericórdia
3.ª-feira — Mendes
4.ª-feira — Central